

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17210 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 21 - Trabalho e Educação

TRABALHO DOCENTE E CARTOGRAFIAS VISUAIS: ARTEFATO ESTÉTICO-POLÍTICO E PEDAGÓGICO PARA PENSAR A PROFISSÃO E A FORMAÇÃO DO PROFESSORADO

Fernanda Silva do Nascimento - PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

TRABALHO DOCENTE E CARTOGRAFIAS VISUAIS: ARTEFATO ESTÉTICO-POLÍTICO E PEDAGÓGICO PARA PENSAR A PROFISSÃO E A FORMAÇÃO DO PROFESSORADO

RESUMO: Este estudo é parte de um projeto mais amplo de pesquisas e oficinas pedagógicas desenvolvidas com docentes do estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma investigação que apresenta como a construção de cartografias visuais com docentes atua como artefato estético-político e pedagógico, especialmente, para pensar as condições do trabalho do professorado e sua “trans-formação” de forma coletiva, inventiva e dialógica. As cartografias visuais permitiram pensar o trabalho docente em relação a projetos entre universidades e escolas, o papel docente e epistemologias e construção de um coletivo docente que mapeia movimentos para valorização e cuidado do professorado.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho docente. Formação docente. Cartografias Visuais.

Este estudo faz parte de um projeto mais amplo de pesquisas e oficinas pedagógicas desenvolvidas com docentes de escolas públicas e privadas localizadas no Rio Grande do Sul. Esta investigação busca discutir como a construção de cartografias visuais com docentes atua como artefato estético-político e pedagógico (Valle, 2019; Valle, Sirtoli, 2024), especialmente, para pensar o trabalho do professorado.

O trabalho docente e a pesquisa educacional no Brasil têm sido constituídos por diferentes esferas e modulações epistemológicas e metodológicas que atravessam os séculos e traçam concepções, políticas e programas, bem como a formação e as condições da profissão no país. Ou seja, as mudanças sociais e suas (des)continuidades interagem com as noções de ser humano e de estar docente nos contextos, utilizando dos modos de produção da vida, do trabalho, concepções das ciências e da educação à natureza do trabalho do professorado. As noções referentes à profissionalização e as condições do trabalho têm sido promovidas, especialmente, por estudos referentes às reformas e flexibilizações trabalhistas, assim como a reflexão acerca das precárias infraestruturas e sobrecargas identificadas nas atividades

laborais dos profissionais da educação e expressas através de questões físicas e psíquicas (Oliveira, 2020).

A partir dos aspectos diagnósticos das publicações e a escuta de docentes de escolas públicas e privadas no Rio Grande do Sul, foi possível perceber a importância de trazer à tona a autoria docente sobre o *ser*, *estar* e *tornar-se* docente no Brasil e seus atravessamentos como as noções de mal-estar, adoecimento e função docente, por exemplo, e identificar as influências epistemológicas na produção das pesquisas sobre a temática nos campos de estudos e dentro das escolas.

Além da remuneração, planos de carreira e a formação docente (inicial e continuada), a participação de profissionais da educação desde o mapeamento de seus territórios à elaboração dos programas e políticas educacionais e de valorização profissional compõem alguns dos aspectos identificados como fundamentais para defesa da educação e direito à vida (Oliveira, 2020). Nos últimos anos, corpos docentes foram e são atravessados pelo crescimento de políticas conservadoras no Brasil e na América Latina, pelos discursos neoliberais e neoconservadores que permearam a pandemia de coronavírus, o aumento da violência nas escolas, as tragédias climáticas, a ampliação da precarização, controle e por ataques à autonomia e sobrevivência docente (Oliveira, 2022). Dessa forma, este estudo dialoga com o tema central Reunião Regional, tanto pela sua emergência contextual e ao mesmo tempo histórica, bem como pela interlocução com diferentes esferas do conhecimento que buscam pensar a educação e a valorização do trabalho docente.

Diante destes contextos, movimentos de resistência e projetos desobedientes (Valle, 2019) buscam trazer de forma inventiva e crítica a produção coletiva dos movimentos no/do trabalho *entre*, *por* e *sobre* seus corpos docentes. Assim, assumimos uma postura “onto-epistemológica-metodológica e ética” (Hernández-Hernández; Benavente, 2019) a partir do aprofundamento da perspectiva pós-qualitativa (St Pierre, 2018) adotando as cartografias visuais (Valle, 2019; Valle, Sirtoli, 2024; Hernández-Hernández, 2018) como artefato que se desloca da representatividade de um mundo dado à produção de realidades possíveis. Nesse sentido, a ideia dos rizomas deleuzianos (Deleuze; Guattari, 1995) se articula com a temática discutida por compreendermos as múltiplas dimensões em que os discursos e experiências se produzem. Por esse motivo, nos deslocamos de perspectivas dicotômicas que trazem a precarização do trabalho docente em direção ao adoecimento, mal-estar ou bem-estar docente de forma causal e linear.

A participação de docentes em atividades de ensino, pesquisa e extensão na produção de significados e construção de conceitos que envolvem as forças, memórias e invisibilidades no trabalho docente a partir de artefatos visuais (Valle, 2019) mostra-se como um projeto investigativo provocador frente às perspectivas qualitativas e humanistas produzidas ao longo da pesquisa educacional no país e entre as vertentes empregadas nas metodologias acerca da Educação e Trabalho.

Junto a um grupo de cerca de 30 docentes, foram elaboradas 5 cartografias visuais a partir da pergunta (des)mobilizadora: *como são produzidos os percursos e movimentos de produção “do e no” trabalho docente?* Os processos de elaboração foram filmados e fotografados, os apontamentos registrados em diários de campo e as narrativas gravadas e transcritas. Buscamos compor o estudo em conexão com teorias, conforme o desenvolvimento do processo de pesquisa e articulação dos pensamentos.

As cartografias visuais foram compostas de registros visuais, escritos e afetivos. Disponibilizamos revistas, instrumentos gráficos (lápiz, canetas, giz), materiais de modelagem (argila), folhas de diferentes tamanhos, tesouras e colas, bem como comentamos sobre a possibilidade de usar outros recursos ou performances. Em pequenos grupos, os docentes foram dispendo suas experiências e subjetividades frente as imagens sociais e seus afetos, elaborando “imagens-metáfora” (Valle; Sirtoli, 2024) que vão além do paradigma da representação. Ao apresentarem para o grande grupo, observamos as conexões realizadas através das narrativas elaboradas, considerando os textos verbais e não-verbais, os ditos e não-ditos como parte deste cenário. Durante as socializações de suas produções, ouvimos comentários e gestos que confirmavam e compartilhavam das percepções enunciadas, bem como falas que traziam outras problematizações e conexões entre as cartografias e o fazer docente.

Um dos processos compartilhados esteve relacionado à disposição das imagens e palavras que segundo o grupo remetia a um sol: “[...] *nós representamos um sol para representar esses caminhos e esses encantos no fazer pedagógico. É que a gente sabe que nem sempre são caminhos fáceis, mas a gente continua no processo*” (Docente a). Além da noção de expansão entre caminhos possíveis no exercício docente, para este grupo, o trabalho está relacionado ao papel de “iluminação”, quem traz o conhecimento e saberes aos seus estudantes. Ao longo das narrativas, foram provocados com questionamentos sobre suas perspectivas epistemológicas, dando conta de como a noção da docência contribui para a adoção de posturas que flertam com a educação bancária (Freire, 2005) e neoliberal. Vinculadas ao levantamento da educação plural, democrática e inclusiva, enfatizamos como implicam a responsabilização, controle e regulação do e no ato de ensinar: o quê, para quem e como? Nesse sentido, recorreremos à estruturação das docências no contexto brasileiro ao longo dos anos, pensando o quanto as formas de pensamento e projetos sociais penetram nas políticas e programas educacionais e nas escolas direcionando à liberdade ou cerceamento do aprender e ensinar.

A vigilância se mostrou na “autocobrança” e na qualidade do ensino a partir da aplicabilidade dos conteúdos “apresentados” e impacto na vida dos jovens estudantes. A conclusão do Ensino Médio, a empregabilidade, o ingresso na universidade e a própria sobrevivência foram fatores elencados como parâmetro para realização do papel e função docente, como bom desempenho profissional. Além disso, o controle e aspectos regulatórios foram expressos, especialmente, sobre as experiências vividas no governo brasileiro anterior (2019-2022).

Como profissionais, dispõem a importância da liberdade de um pássaro para os discentes, mas sobre quais outros lugares nos colocamos enquanto trabalhadores da educação? Projetos como “Escola sem Partido” ferem e atacam o direito à Educação, a própria liberdade de cátedra, como exemplo, em seus textos e campanhas ao se propor a interferência nas literaturas, avaliações e instituições e desenvolvimento de arquiteturas de intolerâncias que tentam enfraquecer corpos docentes e escolas. Evidenciamos que as políticas neoliberais e conservadoras buscam produzir e se retroalimentar de subjetividades individualistas, responsabilizando docentes tanto pela transformação da educação, quanto pela precarização e sua própria formação.

Em outro enlace, a noção da expansão do “sol” se cruzou ao emprego de uma borboleta que foi traçada por *“essa transformação que a escola traz, junto traz o medo. Uma angústia: a gente sempre tem que encorajá-los ainda mais. Nós, que somos de escola pública, pois eles sempre têm aquela ideia de que não conseguem”* (Docente b). Segundo a Secretaria de Educação (Seduc) do estado do Rio Grande do Sul, 1.044 escolas (40%), em 243 municípios foram afetadas pelas enchentes de maio de 2024. Como na educação em tempos de pandemia, recordamos as desigualdades no atendimento entre as instituições públicas e privadas.

“A gente tem que estar abertos à transformação!” (Docente c). Dialogamos ainda sobre as vulnerabilidades que se cruzam entre trajetórias de trabalhadores e estudantes mostrando a necessidade de desenvolvimento de programas que ofereça atenção psicossocial e assistência aos profissionais. Diante dos relatos, são tecidas conexões com as políticas de formação docente e os esforços para promover uma educação democrática, inclusiva e atenta.

“As políticas públicas nós temos aqui: Brasília com os livros empilhados. Políticas públicas e não a violência. A formação de professores para o sucesso escolar é o nosso maior objetivo” (Docente h), *“É preciso buscar conhecimento para trabalhar com toda essa formação que muitas vezes a gente não teve”* (Docente d), *“Aprender a ensinar é o nosso desafio”* (Docente g). Então, apontamos a relevância de projetos entre as universidades e escolas, tal como a promoção de discussões como aquele, com movimentos de diálogo e reconfigurações em um presente que reúne: memórias, afetos, dores, sobrecargas, sonhos, lutas e questionamentos.

“Nós, como comunidade escolar, como uma unidade, a gente deve pensar que se uma pessoa quebrar, o resto entra em colapso” (Docente i). Identificamos o quanto os relatos apontam para o discente como foco do exercício profissional. A produção coletiva sobre o trabalho docente nos fez pensar o quanto permeiam entre as relações da comunidade educacional o entendimento de que o apoio entre pares e o diálogo contribuem com o fortalecimento de vários docentes no que tange sintomas de ansiedade, depressão e desmotivação e mobilização da classe trabalhadora.

Os grupos de docentes elaboraram “imagens-metáfora” que vão além do paradigma da

representação, pois integram conexões entre narrativas, experiências, subjetividades, imagens sociais e afetos, contribuindo para elaboração e produção de novos conceitos e debates. Como possibilidade, reforçamos que “a prática de relacionar as imagens pelos aspectos visuais em termos de estrutura composicional ou temática, ou também pelo caráter simbólico que permite perceber e problematizar, ajuda a refletir sobre o que se produz a partir de um espaço entre imagens” (Valle; Sirtoli, 2024, p. 65).

O interesse em investigar como as cartografias visuais atuam como dispositivo estético-político e pedagógico a partir de questionamentos acerca dos movimentos do trabalho docente produziu uma pesquisa que relacionou o trabalho com a formação docente e discente nas escolas em defesa da própria sobrevivência profissional, pois os sentidos bordados direcionam para uma atenção aos discentes como base para as ações docentes, avaliação, qualidade do ensino e parâmetro para a satisfação profissional neste território. Ademais, demonstrou que o desenvolvimento de projetos entre as universidades e escolas que visam propostas dialógicas, críticas e coletivas contribuem com o desenvolvimento de processos democráticos e críticos. Foi fomentada, por fim, a emergência dos trabalhadores da educação, que atuam na escola participante, de se construírem como coletivo para mapear os movimentos epistemológicos e éticos que transitam entre o cotidiano escolar, suas perspectivas em diálogo à valorização e cuidado docente e as tensões que legitimam as posições do professorado. *Conforme Freire, educar é um ato político!*” (Docente e), “*alertar a escola é o nosso objetivo*” (Docente j).

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1995-1997. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34.

HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Fernando. Encuentros que afectan y generan saber pedagógico entre docentes a través de cartografias visuales. **Revista Digital do LAV**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 103–120, 2018.

_____. do; BENAVENTE, Beatriz Revelles. La perspectiva post-cualitativa en la investigación educativa: genealogía, movimientos, posibilidades y tensiones. **Educatio Siglo XXI**, 37(2 Jul-Oct), p. 21–48, 2019.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Condições de trabalho docente e a defesa da escola pública:

fragilidades evidenciadas pela pandemia. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 127, p. 27–40, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/180037>.. Acesso em: 10 ago. 2024.

_____. Políticas conservadoras no Brasil: ameaças ao direito à educação e ataques à autonomia docente. **Revista Educación, Política y Sociedad**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 37–54, 2022. Disponível em: <https://revistas.uam.es/reps/article/view/15688>. Acesso em: 9 ago. 2024.

ST. PIERRE, Elizabeth Adams. Uma história breve e pessoal da pesquisa pósqualitativa: em direção à “pós-investigação”. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 13, n. 3, p.

1044–1064, 2018.

VALLE, Lutire Dalla. La potencia edu(vo)cautiva de los artefactos visuales. **Arte e Investigación** (N.º 16), e036, noviembre 2019.

_____; SIRTOLI, Guilherme Susin. Entre Imagens-Metáfora e Narrativas Visuais: metodologias artísticas para acionar o Ensino e a Pesquisa na Universidade. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 052–071, 2024. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/25257>. Acesso em: 10 ago. 2024.